



Foto: Jennifer Glass

PARQUE INDUSTRIAL, romance de Pagu, faz temporada na Oficina Oswald de Andrade, SP

Dirigido e adaptado por Gilka Verana, a peça – com elenco feminino – revela como temas abordados pela escritora e ativista política há quase 90 anos ainda persistem na vida das mulheres: o machismo, a exploração, o assédio sexual no trabalho, a violência doméstica, a desigualdade de classe e gênero, o racismo estrutural

Parque Industrial é uma adaptação para o teatro do livro de 1933, da escritora e ativista política Pagu. O romance proletário, como definiu a própria autora no subtítulo da edição, aborda a vida de mulheres trabalhadoras no início do século XX, em uma reflexão sobre as condições de classe e gênero principalmente. A peça faz temporada a partir de 1º de fevereiro e segue em cartaz até dia 16, na Oficina Cultural Oswald de Andrade. As apresentações são gratuitas.

A escritora, diretora, tradutora, jornalista e militante política Patrícia Galvão, a Pagu, publicou o livro sob o pseudônimo de Mara Lobo. A obra faz um retrato da cidade de São Paulo da década de 1930 e expõe de forma crua as condições de abandono e exploração no cotidiano das mulheres trabalhadoras. “A obra de Pagu tem como temas principais a luta de classes e as mulheres operárias. Na peça, quis criar uma conexão com nosso tempo, a São Paulo que vivemos e também trazer

um olhar para o protagonismo feminino no enfrentamento das mazelas produzidas pelo capitalismo”, revela Gilka Verana sobre a adaptação da peça feita por ela.

A diretora conta que a peça lida com as questões políticas e sociais do romance proletário de Pagu e também com a materialidade poética de sua escrita. Para Gilka, Pagu faz denúncias sobre a situação feminina em diferentes classes sociais, tanto no ambiente social quanto no privado. *“Pagu critica também a feminilidade que performa para agradar ao patriarcado e o feminismo elitista. Ela não apazigua. Ela nos traz o confronto e a apropriação dessa discussão, ao mesmo tempo que abre os caminhos para a reflexão sobre nossa condição atual enquanto mulheres, trabalhadoras e artistas”,* revela a diretora.

Diferentemente do livro, que conta com três principais protagonistas, a peça traz onze mulheres em cena, todas com destaque, com linhas narrativas que se constroem e dissipam. Sem a presença de homens, as personagens masculinas são representadas de diferentes formas: um manequim, máscaras, vozes em off, leituras das falas dos homens feitas pelas atrizes.

“Esse olhar vivo em relação ao seu próprio tempo define a importância do resgate dessa obra, principalmente ao constatarmos que se tratam de desafios sociais enfrentados ainda hoje em batalhas contra praticamente as mesmas opressões e desigualdades”, finaliza a diretora.

O ROMANCE PROLETÁRIO DE PAGU

O livro *Parque Industrial* faz uma transposição literária da fala e do modo de vida da mulher proletária em São Paulo na década de 1930, e tem como cenário o bairro

do Brás, um dos mais representativos da entrada do trabalho industrial no Brasil. É nessa região que se desdobra a trajetória de três mulheres: Corina, que se torna trabalhadora do sexo ao ser demitida por engravidar e não ser casada; Eleonora, que escapa da pobreza ao se casar com o rico Alfredo Rocha; e Otávia, uma militante que também se envolve com Alfredo.

São personagens nada heroicas, carregadas de desilusão, dor, desespero e falta de perspectiva, que buscam sobreviver em meio ao movimento dilacerante do progresso da cidade de São Paulo.

O enredo não se limita à vida das três personagens. Ele se apresenta como um mosaico complexo de uma cidade vista sob uma lente de aumento narrativa que amplia a perspectiva do lado voraz do progresso. A cidade de São Paulo, portanto, torna-se uma personagem tanto quanto as próprias mulheres.

SERVIÇO

Espetáculo *Parque Industrial*

De 1º a 16 de fevereiro

De terça a sexta às 19h30 e sábado às 14h30 e às 18h
Oficina Cultural Oswald de Andrade

Rua Três Rios, 363, Bom Retiro, São Paulo / SP

Gratuito – retirada de ingresso na bilheteria do espaço uma hora antes

Duração: 120 minutos | Indicação: 16 anos



Foto: Jennifer Glass